

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025

Transtornos Alimentares e Adolescência: uma reflexão sócio-histórica

Sara dos Santos Rodrigues (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Ednéia José Martins Zaniani (Orientadora). E-mail: ejmzaniani@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área: 7.07.00.00-1 Psicologia

Subárea: 7.07.05.00-3 Psicologia Social

Palavras-chave: Saúde Mental infantojuvenil; Redes Sociais; Psicologia Sócio-Histórica.

RESUMO

Os denominados transtornos alimentares (TA), especialmente na adolescência, têm despertado o interesse científico, mas em grande parte estudados sob o paradigma psiquiátrico tradicional. Em contraponto, este estudo propõe analisá-los à luz da Psicologia Sócio-Histórica, compreendendo-os como sínteses de múltiplas determinações. Realizamos uma pesquisa qualitativa e exploratória, articulando revisão bibliográfica e análise documental, tomando como fonte postagens de adolescentes na Plataforma X, utilizadas para expressar experiências relacionadas aos TA. Os resultados evidenciaram que se tratam de fenômenos complexos, atravessados por dimensões históricas, sociais, culturais e econômicas, que extrapolam predisposições individuais. A adolescência, enquanto período de contradições e reelaborações, mostrou-se momento privilegiado para seu aparecimento, sobretudo pela busca de pertencimento e reconhecimento. Nesse processo, as redes sociais ocupam papel central: ao mesmo tempo em que oferecem acolhimento simbólico, também reforçam padrões estéticos eurocêntricos, incentivando práticas autodestrutivas como restrição alimentar e purgação. Constatamos ainda que tais fenômenos não podem ser isolados de contradições estruturais, nas quais a magreza aparece como valor culturalmente associado à disciplina e autocontrole, mas simultaneamente gera repulsa e exclusão. O corpo, portanto, funciona como mediador da relação dos sujeitos com uma sociedade adoecida, revelando tensões de classe, gênero e raça/etnia. Concluimos pela necessidade de ampliar investigações críticas, uma vez que abordagens tradicionais têm naturalizado e individualizado os TA, escamoteando sua historicidade e invisibilizando fatores estruturais que intensificam processos de sofrimento e adoecimento na adolescência.

INTRODUÇÃO

Os denominados transtornos alimentares (TA) são definidos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) como uma “perturbação persistente na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação que resulta no consumo ou absorção alterada de alimentos, comprometendo significativamente a saúde física ou o funcionamento psicossocial” (APA, 2013, p. 329). Envolve quadros como anorexia nervosa, bulimia nervosa, transtorno de compulsão alimentar periódica, entre outros, cujas causas podem ser biológicas, psicológicas, familiares, culturais e sociais. Embora reconhecidos como de natureza multifatorial, a leitura psiquiátrica tradicional frequentemente privilegia explicações centradas no indivíduo, desconsiderando determinantes sócio-históricos que subjazem à sua manifestação e manutenção (STRINGS, 2019).

Em contraponto, este estudo tem por objetivo refletir sobre o desenvolvimento dos TA na adolescência, à luz das contribuições da Psicologia Sócio-Histórica. Entendemos que tais quadros não podem ser reduzidos a fenômenos exclusivamente biológicos ou frutos do mau funcionamento do organismo, mas compreendidos em sua gênese social, como síntese de múltiplas determinações.

Nessa direção, tomamos os TA como fenômenos humanos forjados no bojo do capitalismo, bem como a adolescência como um período do desenvolvimento humano comumente naturalizado (BOCK, 2004), demarcado e limitado pelas contradições desse sistema, tornando-o um momento privilegiado para o aparecimento de processos não saudáveis. Propondo uma análise crítica e contra-hegemônica, articulamos a revisão bibliográfica com a análise documental, tomando como fonte de dados postagens de adolescentes na Plataforma X (antigo Twitter). Refletimos como este espaço tem sido utilizado na atualidade como via de expressão, produção e acirramento do adoecimento/sofrimento, desvelando percalços da relação desses sujeitos com o corpo e a produção da subjetividade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para refletir sobre o desenvolvimento dos TA na adolescência propusemos um estudo qualitativo e exploratório. Realizamos uma revisão bibliográfica em bases de dados nacionais, utilizando combinações de palavras-chave como: adolescência; transtornos alimentares; subjetividade; redes sociais. Esta revisão subsidiou uma compreensão crítica e ampliada do fenômeno estudado. Além disso, realizamos uma pesquisa documental, tomando como fonte de dados postagens (de junho de 2024 à maio de 2025) de adolescentes na Plataforma X (antigo Twitter), utilizando as hashtags “anorexia”, “nf”; “lf”, “skinny”, “lowkcal”, “anorexic”, “bulimia”, “compulsão alimentar”, “bulimic”, “purgar”, “edtw”, “thinspo”, “mf”, “kcal”, “eatingdisorder”, “recovery” e posteriormente os termos “escola”, “adolescência” e por último “bullying”. Para a organização e análise do material, nos inspiramos na metodologia dos Núcleos de Significação, proposta por Aguiar e Ozella (2006). Tal metodologia permitiu identificar, agrupar e interpretar os sentidos e significados presentes nos conteúdos publicados, consonantes com as contribuições da Psicologia Sócio-Histórica, que fundamentada no materialismo histórico-dialético, compreende que o homem se constitui na e pelas relações sociais que estabelece e que os fenômenos psicológicos não são abstratos, mas historicamente situados e

produzidos a partir da realidade objetiva (VYGOTSKY, 1997).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na revisão bibliográfica encontramos diversos artigos e identificamos que a maioria dos que abordam os TA na adolescência prioriza discussões pautadas nas abordagens médico-psiquiátricas tradicionais e nas classificações do DSM (APA, 2013) ou em perspectivas psicanalíticas clássicas. Muitos estudos deslocam o fenômeno do contexto histórico e social, localizando-o no indivíduo e reforçando estigmas. Poucos estudos consideram as determinações sociais, econômicas e culturais que se articulam na produção e acirramento dos TA. Constatamos ainda que faltam dados oficiais nos sistemas de notificação do SUS, embora a literatura aponte aumento da demanda por atendimentos em saúde mental envolvendo tais quadros (McCLELLAND et al., 2020).

Além disso, a análise de 70 postagens publicadas na Plataforma X revelou o papel das redes sociais como espaços simbólicos de pertencimento e anonimato para as adolescentes, ao mesmo tempo que incentivam práticas autodestrutivas e violentas como a restrição alimentar severa e purgação (ALMEIDA et al., 2018). O movimento de busca pela identidade e por reconhecimento, comum à adolescência, encontra eco nesses espaços pela facilidade de comunicação e trocas, mas sob a lógica perversa da validação por meio da aparência.

A análise demonstrou que o adoecimento/sofrimento relacionado aos TA é atravessado por questões de classe, gênero e raça/etnia, refletindo uma herança colonial e racista, que se materializa na idealização e supremacia do corpo magro, branco e eurocêntrico (STRINGS, 2019). Observamos que esses quadros revelam a busca pela adequação, sendo a magreza reforçada culturalmente via propagandas midiáticas e discursos, associada socialmente à disciplina e autocontrole, ao mesmo tempo que produz efeitos interpretados como desequilíbrios, gerando repulsa e exclusão (BELL, 1985).

Assim, a historicidade do fenômeno, pouco trabalhada na literatura, revela sua determinação social, que desconsiderada limita nossa compreensão do fenômeno em sua totalidade e complexidade. Nesta toada, consideramos que o corpo revela como tem se dado a relação dos sujeitos com o mundo: mediados por uma sociedade adoecida, ele também adocece, inclusive naqueles períodos que deveriam significar aumento de potência de vida, como a adolescência.

CONCLUSÕES

Este estudo evidenciou que os TA na adolescência não podem ser compreendidos de forma isolada, mas como fenômenos complexos, historicamente situados e produzidos a partir da realidade objetiva. Assim, os TA não expressam apenas adoecimentos/sofrimentos individuais, revelando contradições sociais perpassadas por questões de classe, gênero e raça/etnia, refletindo nossas heranças colonialistas e racistas (STRINGS, 2019).

A adolescência em nossa realidade sócio-histórica tem sido demarcada e limitada por exigências, exposta à vulnerabilidades. Mas, deveria ser um período de

aumento da potência crítica, de requalificação das funções psicológicas e construção de sentidos (BOCK, 2004; VYGOTSKY, 1997). Nas redes sociais algumas comunidades virtuais acabam ocupadas de maneira irrestrita por adolescentes que buscam nelas um espaço de acolhimento, trocas e informações. Contudo, sem regulamentação, cultuam a aparência, ao mesmo tempo que não impedem o compartilhamento de práticas autodestrutivas e violentas, publicizando conselhos, dicas e receitas de emagrecimento (ALMEIDA et al., 2018).

Concluimos pela necessidade de ampliarmos pesquisas críticas sobre o tema, uma vez que o paradigma psiquiátrico têm naturalizado e individualizado explicações e soluções, escamoteando fatores estruturais que perpassam tais experiências, enredando processos de adoecimento/sofrimento que na adolescência encontram no corpo um mediador (McCLELLAND et al., 2020).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora pelo auxílio. Aos amigos e familiares que me apoiaram durante todo esse processo. Ademais, agradeço ao CNPq e à Fundação Araucária pelo financiamento, assim como a Universidade Estadual de Maringá – UEM por oportunizar essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. (org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

PEIXOTO JUNIOR, C. A.. Sobre o corpo-afeto em Espinosa e Winnicott. *Revista EPOS*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1–15, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v4n2/03.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.

STRINGS, S.. *Fearing the black body: the racial origins of fat phobia*. New York: New York University Press, 2019.

BELL, R. M. *Holy anorexia*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

LEAL, Z.; FACCI, M. G. Dias; ANJOS, R. E. dos. O desenvolvimento psicológico do adolescente na perspectiva da psicologia histórico-cultural: temas atuais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 26, p. 1–15, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v26i0.47237>. Acesso em: 31 ago. 2025.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.